

The book cover features a light gray background with a subtle floral pattern. Two vertical red stripes are positioned on the left and right sides. A central white rectangular area is framed by a double black border. The title is written in a dark red serif font within this white area.

# Estilos de época na literatura Brasileira

# Século XVI

## Quinhentismo

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,  
Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,  
Pois que sois suma riqueza,  
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso  
E de graça mui colmado,  
Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,  
Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,  
Em que jazo embrulhado,  
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,  
Pois sois Deus de eternidade,  
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem  
E te dar eterno estado,  
Tal me fez o teu pecado

***Pe. José de Anchieta***

# Século XVII

## Barroco

Todo

O todo sem a parte não é todo;

A parte sem o todo não é parte;

Mas se a parte o faz todo sendo parte,

Não se diga que é parte, sendo todo

***Gregório de Matos Guerra***

# Século XVIII

## Arcadismo ou Neoclassicismo

Se é Doce

Se é doce no recente, ameno Estio  
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,  
E, lambendo as areias e os verdores,  
Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio  
Ouvirem-se os voláteis amadores,  
Seus versos modulando e seus ardores  
Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados  
Pela quadra gentil, de Amor querida,  
Que esperta os corações, floreia os prados,

Mais doce é ver-te de meus ais vencida, Dar-me em  
teus brandos olhos desmaiados. Morte, morte de  
amor, melhor que a vida.

***Du Bocage***

# Primeira Metade do Século XIX

## Romantismo

Na ilha por vezes habitada

Na ilha por vezes habitada do que somos, há noites, manhãs e madrugadas em que não precisamos de morrer.

Então sabemos tudo do que foi e será.

O mundo aparece explicado definitivamente e entra em nós uma grande serenidade, e dizem-se as palavras que a significam.

Levantamos um punhado de terra e apertamo-la nas mãos.

Com doçura.

Aí se contém toda a verdade suportável: o contorno, a vontade e os limites.

Podemos então dizer que somos livres, com a paz e o sorriso de quem se reconhece e viajou à roda do mundo infatigável, porque mordeu a alma até aos ossos dela.

Libertemos devagar a terra onde acontecem milagres  
como a água, a pedra e a raiz.

Cada um de nós é por enquanto a vida.

Isso nos baste.

***José de Alencar***

# Segunda Metade do Século XIX

## Realismo / Naturalismo

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas da roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama o coração.

***Fernando Pessoa***

O poeta do hediondo

Sofro aceleradíssimas pancadas  
No coração. Ataca-me a existência  
A mortificadora coalescência  
Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,  
Eu sinto, então, sondando-me a consciência  
A ultra-inquisitorial clarividência  
De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonda!  
Ah! Certamente eu sou a mais hedionda  
Generalização do Desconforto...

Eu sou aquele que ficou sozinho  
Cantando sobre os ossos do caminho  
A poesia de tudo quanto é morto!

***Augusto dos Anjos***

# Fins do Século XIX

## Parnasianismo e Simbolismo

Ouvir estrelas

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
A via-láctea, como um pálio aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas."

## ***Olavo Bilac***

Acrobata da dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta,  
como um palhaço, que desengonçado,  
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado  
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,  
agita os guizos, e convulsionado  
salta, gavroche, salta clown, varado  
pelo estertor dessa agonia lenta ...

Pedem-se bis e um bis não se despreza!  
Vamos! retesa os músculos, retesa  
nessas macabras piruetas d'aço. . .

E embora caias sobre o chão, fremente,  
afogado em teu sangue estuoso e quente,  
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

***Cruz Sousa***

# Primeiras décadas do Século XX

## Pré-Modernismo

A Noite

A nebulosidade ameaçadora  
Tolda o éter, mancha a gleba, agride os rios  
E urde amplas teias de carvões sombrios  
No ar que álaçre e radiante, há instantes, fora.

A água transubstancia-se. A onda estoura  
Na negridão do oceano e entre os navios  
Troa bárbara zoadá de ais bravios,  
Extraordinariamente atordoadora.

À custódia do anímico registro  
A planetária escuridão se anexa...  
Somente, iguais a espões que acordam cedo,

Ficam brilhando com fulgor sinistro  
Dentro da treva onímada e complexa  
Os olhos fundos dos que estão com medo!

***Augusto dos Anjos***

1922

## **Modernismo**

Arte de amar

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma. Só em Deus - ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

***Manuel Bandeira***